

“Estamos aumentando o gasto social”

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de lançamento do Programa de Apoio à Gestão Social, realizada no Palácio do Planalto:

“Há muitas razões de satisfação para nós contarmos, esta manhã, com a presença do presidente do BID, com a boa vontade da Unesco, com a eficiência do ministro Clovis Carvalho. Mas, em todas as razões de alegria, eu quero destacar o fato de que o dr. Enrique Iglesias participa de solenidades, me dispensa de falar. Por quê? Porque nós fomos formados na mesma escola da Cepal. Ele diz, mais ou menos, as mesmas coisas que eu gosto de dizer. Há mais ainda, quando ele chega aqui, como hoje, e vem, ele é banqueiro, dizem. E chega aqui e fala do social e, melhor ainda, para quem é pobre presidente da República, dá de graça 3 milhões. Porque isso não é empréstimo, é doação, 4 milhões. De modo que eu fico cheio de alegria.

É maior alegria ainda, porque há pouco, no caminho da minha sala para cá, me encontrei, até por acaso, com o presidente Iglesias, e ele me deu uma outra notícia que me deixa, não só a mim, mas eu tenho certeza que ao ministro Kandir, com um enorme entusiasmo, porque nós hoje, os senhores sabem que nós estamos discutindo no Congresso o FEF, o Fundo de Estabilização Financeira, e o dr. Iglesias me disse que, dos 6 bilhões de dólares do programa do BID com o Brasil, 50%, 3 bilhões, vão para os municípios. De modo que, realmente, é o testemunho vivo a presença dele aqui, com toda essa generosidade, e mais que generosidade, com a capacidade de definir corretamente onde estão os problemas, é motivo muito grande de satisfação.

O ministro Clovis Carvalho já expôs, já mostrou, eu não vou repetir, o que ele já disse que é o essencial, de como é que nós estamos avançando e tentando avançar nessa área. Os dados são eloquentes, o dado apresentado pelo professor Wilmar Faria significa, a grosso modo, que nós tivemos um aumento de 50% do gasto per capita na área social no Brasil nesses dois anos, quatro anos. Em quatro anos. Quer dizer é, realmente, alguma coisa que precisa entrar na cabeça dos brasileiros, que vez por outra eu vejo notícias diferentes. Diminuí o gasto. Toma-se um gasto absoluto, como se fosse num dado, item qualquer, que de repente diminui porque aumentou a eficiência, ou porque o programa tem que ser desativado porque não serve mais, como se fosse uma catástrofe nacional quando, na verdade, quando se olha com mais calma os conjuntos das políticas, nós vamos ver que é o oposto, nós estamos aumentando fortemente o gasto social. E o que é importante nesses quatro anos é que aí já vão dois governos. E daqui (...) dez governos, não vai

ter alternativa, o gasto social vai ter que aumentar, porque já existe uma consciência no Brasil, uma pressão na sociedade e uma consciência no Estado, não é no governo, na máquina estatal, na burocracia estatal, é que é preciso gastar mais.

Mas o Clovis disse, citando Montoro, que era preciso gastar melhor os escassos recursos. Eu acrescentaria alguma coisa a mais, os recursos começam a deixar de ser escassos, razão adicional para se gastar melhor ainda os recursos quando eles são um pouquinho menos escassos, porque nós temos um pouco mais de amplitude da definição dos objetivos, das prioridades e isso requer de nós uma maior responsabilidade.

Eu creio mesmo que, se há alguma que passa a ser decisiva hoje, no Brasil, e eu tenho certeza de que em outros países da América Latina também, e talvez do mundo, nos países que estão se transformando, é a questão gerencial. Nós, hoje, estamos saindo de uma situação de escassez absoluta de recursos, para uma situação de relativa existência de recursos, mas escassez, muito grande ainda, de capacidade de bem gastá-los. Mas eu não quero citar exemplos. Nós temos exemplos já, da recomposição de certos fundos de financiamento: o FGTS, o FAT de tal maneira que a Caixa Econômica, o Banco do Nordeste, o Banco do Desenvolvimento Econômico, o próprio Banco do Brasil com captações novas de recursos até no exterior para financiamento das safras, o Pronaf, etc., a criação mesmo de certos instrumentos de capilaridade, como é o Pronaf, que é um programa de assistência familiar. E com dezenas de programas, aqui alguns foram citados. Tudo isso indica que a batalha agora é gerencial.

A choradeira de que a Fazenda não solta o dinheiro vai continuar existindo, porque a Fazenda vai continuar não querendo soltar o dinheiro, é natural. Eu fui ministro da Fazenda, eu sei que a gente vai ter aquele impulso, você foi para o Banco Central, sabe como é isso, aquele impulso terrível de não soltar. Mas, de qualquer maneira, as forças capazes de fazer com que — o Paulo Renato já ficou feliz, rindo sozinho — as forças capazes de fazer com que, efetivamente, o dinheiro flua já existem, o que eu não estou tão seguro é da capacidade de bem gastar. Eu acho que esse passa a ser o nosso teste decisivo. Daí a importância do Programa Brasil em Ação, do gerenciamento, da definição, como foi feito aqui, dos programas sociais que têm prioridade, têm um foco maior do governo em cima deles e que, portanto, nesses programas é que nós vamos dar a batalha decisiva de saber se nós estamos sendo capazes de bem gastar.

E bem gastar não é ser pão-duro. Por isso que eu sou mau para gastar. Não é ser pão-duro. É, realmente, modificar a cabeça. E saber que, em certos momentos, tem que arriscar. E quem é banqueiro sabe que tem que arriscar. Não é só uma questão de você

ter garantias, que, em certos momentos, não adianta dar, mesmo tendo garantias de que, em certos momentos, se der mais recursos, a pessoa se afoga, em outros momentos é preciso, imperativamente, dar os recursos. Quer dizer, então, nós temos que criar novas sensibilidades.

Bom, 300 pessoas não é um mar de gente. Mas são pessoas-chave e que, como disse aqui o ministro Clóvis, já existe um sistema de capilaridade para isso também, para que nós possamos ir estendendo a quantidade e a qualidade, ampliando a qualidade das pessoas que são capazes de bem gerenciar.

Então, é isso que eu quero dizer ao vice-presidente, que sabe e compartilha das mesmas aflições minhas. Nós temos problemas graves no Brasil. Temos condições de dar saltos. O Nordeste é um caso em que nós, hoje, temos condições plenas de dar um grande salto no Nordeste. E acabei de estar por lá. Estive no interior de Sergipe e no interior da Bahia. A gente percebe que aonde conta? É no pequenino, que não aparece, no que não sai nos jornais, que as coisas começam a acontecer. E, por isso, a nossa responsabilidade é imensa.

Eu termino dizendo que tenho certeza de que, diante da generosidade do BID, da capacidade que a Unesco tem de se sensibilizar por problemas que não são diretamente dela, mas que ela apóia com entusiasmo, da vontade que tem o governo de acertar, eu tenho certeza de que aqueles que são realmente o fundamental desse processo, que é o conjunto de funcionários e das pessoas que trabalham no governo, vão aceitar esse desafio com grande entusiasmo.

Talvez seja de justiça dizer que, muitas vezes, apressadamente, se julga o conjunto da Administração Pública, como se ela fosse simplesmente burocrática, incompetente, e que não trabalha. Isso não é verdadeiro. Mas nós temos, realmente, exemplos extremamente positivos, no sentido de que no nosso país a Administração Pública, apesar de tudo, dos baixos salários em certos momentos, em certas situações, da falta de treinamento continuado noutras, do clientelismo, que certamente atrapalhou muito o processo de formação de uma burocracia mais eficiente, das pressões políticas, que são inegáveis. Apesar de tudo, isso, existe um conjunto grande de pessoas que tem espírito público, que, além de terem — e devem ter —, no bom sentido, o espírito de corpo, porque têm que valorizar o que lhes é próprio, sabem também que o verdadeiro espírito de corpo só existe quando se mantém o espírito público e, portanto, que não estiolam as ações que têm sentido mais geral.

Eu tenho certeza de que isso existe. Eu tenho, portanto, a convicção de que o programa será exitoso.

Muito obrigado às senhoras e aos senhores.